



A RELAÇÃO ENTRE A VISUALIDADE E A PRODUÇÃO DOS DISCURSOS PAULINOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO DISCURSO DE PAULO NO AREÓPAGO ATENIENSE

THE RELATION BETWEEN THE VISUALITY AND THE PRODUCTION OF PAULINE SPEECH:
AN ANALYSIS BASED ON PAUL'S SPEECH IN THE ATHENIAN AREOPAGUS

Jefferson Roberto Batista dos Santos¹

RESUMO

Todo discurso é produzido a partir e para um contexto específico, buscando sempre persuadir a audiência. Paulo de Tarso buscava por meio de seus discursos, principalmente, construir imagens do Cristo que fossem facilmente compreendidas, assimiladas e aceitas por sua audiência. Para isso, utilizava elementos sociais, culturais e religiosos gregos, romanos e judaicos. Ao produzir seus discursos, sejam os escritos, sejam os orais, Paulo tinha em mente o contexto que o envolvia e, como o contexto variava de cidade para cidade, o conteúdo específico de cada discurso sofria variações e adaptações, mantendo sempre, no entanto, um núcleo comum: o anúncio e a representação do Cristo. Como foi possível um homem jovem de origem judaica e propagador de uma nova crença surgida no contexto do judaísmo, logo monoteísta, adaptar seu discurso a um ambiente politeísta, multifacetado e multicultural como o Império Romano e o mundo helenístico? Este artigo parte da premissa de que a inserção ativa de Paulo neste mundo cultural, social e religioso, aliada à sua formação proporcionaram as ferramentas necessárias à realização de tal tarefa. Buscaremos relacionar os discursos paulinos com o seu contexto de produção, concentrando-se especificamente em questões relativas à visualidade, a partir do seu discurso no Areópago ateniense.

Palavras-chaves: Visualidade; Discurso; Atenas; Areópago; Paulo de Tarso.

ABSTRACT

Every speech is produced from and for a specific context, always seeking to persuade the audience. Through his speeches, Paul of Tarsus mainly sought to provide images of Christ that were easily understood, assimilated, and accepted by his audience. In order to do so, he used Greek, Roman and Jewish social, cultural, and religious elements. When producing his speeches, whether written or oral, Paul had in mind the context, which varied from city to city, so the contents of each specific speech presented variations and adaptations but always had a common core: the announcement and representation of the Christ. How was it possible for a Jewish young man and propagator of a new monotheistic belief that emerged in the context of Judaism to adapt his speech to a polytheistic, multifaceted and multicultural environment such as the Roman Empire and the Hellenistic world? This paper is based on the assumption that both Paul's active insertion in this cultural, social and religious world, and his training, provided the necessary tools to carry out this task. We will seek to study Paul's speeches with their context of production, focusing specifically on issues related to visuality, addressing his speech on Athens' Areopagus.

Keywords: Visuality; Speech; Athens; Areopagus; Paul of Tarsus.

¹ Mestrando em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, sob orientação da Profa. Dra. Cláudia Beltrão da Rosa. Membro do Núcleo de Estudos e Referências da Antiguidade e do Medieval (NERO-UNIRIO). E-mail: jefferson.santos@edu.unirio.br



INTRODUÇÃO

A religião cristã surgiu no século I EC. como uma das diversas seitas do judaísmo e inserido nos contextos socioculturais e religiosos judaico, grego e romano. Essa nova religião que, aos poucos, se desvinculava do judaísmo, alcançou rapidamente diversas partes do Império Romano. Paulo de Tarso foi fundamental para essa expansão da seita do Caminho, como era conhecido o grupo que se reunia em torno da emblemática figura de Jesus de Nazaré, a quem consideravam o Cristo (SANTOS, 2022).

Paulo possuía um vasto capital cultural², fruto de sua inserção em um contexto multicultural. Nascido em Tarso na Cilícia, era ao mesmo tempo judeu, grego e cidadão romano. Ele foi um homem culto, educado nas culturas judaica e helenística de sua época. Sendo um conhecedor da cultura clássica, Paulo fez figurar em suas cartas autores gregos e estruturas de pensamento e escrita próprios da cultura grega de sua época (SILVA, 2013). Gonzaga (2015) destaca que o grande conhecimento demonstrado por Paulo da língua grega e de outros elementos dessa rica cultura como a filosofia e a poesia indicam a formação de Paulo em Tarso conforme o currículo educacional do mundo grego. Como cidadão romano, Paulo explorou os centros estratégicos e a comunicação do Império Romano, buscando consolidar a fé cristã nesses centros, nas principais províncias romanas, e ali implantando comunidades cristãs. Ao fazer isso, garantiu uma difusão mais ampla da sua mensagem a respeito do Cristo (BRUCE, 2020).

A partir do seu conhecimento de mundo, fruto de sua já mencionada inserção nas culturas grega, romana e judaica, Paulo conseguiu articular de forma elogiável elementos dessas culturas na construção de imagens do Cristo que fossem facilmente assimiladas, compreendidas e aceitas por seus leitores e ouvintes. Sendo o principal propugnador e formulador de doutrinas da nova religião que nascia no mundo cultural, social e religioso greco-romano, transmitia seus ensinamentos especialmente por meio de cartas que traziam seu discurso sempre adaptado à realidade dos leitores. Leitores esses que, segundo Silver (2010), pertenciam a um mundo de grande diversidade religiosa, com formas institucionais, rituais, teológicas, devocionais e artísticas às vezes milenares, em contato intenso entre si. Paulo construiu imagens do Cristo, ora como humano, ora como divino, fazendo uso de elementos conhecidos por sua audiência. Tal construção só foi possível por causa da sua formação e da sua inserção nas culturas e nas religiões mencionadas (SANTOS, 2022).

² Capital cultural: conceito desenvolvido por Pierre Bourdieu, onde capital diz respeito a elementos que se acumulam ao longo da vida e que se pode utilizar no interior de um espaço social a fim de extrair posição mais favorável no interior desse grupo. Assim, conhecimento, educação, acesso ao conhecimento e à educação são elementos que constituem o capital cultural de um indivíduo.



Um excelente exemplo dessa utilização que Paulo fazia de elementos do mundo greco-romano, inclusive os religiosos, é a apresentação do Cristo como aquele que estabelece a paz com Deus, na sua Carta aos Romanos. No referido texto o ser humano é inimigo de Deus, por causa de suas transgressões, ou de sua desobediência. No entanto, são justificados pelo Cristo que os reconcilia com Deus, estabelecendo a paz entre ele e os humanos e, assim, os salva da ira divina. A justificação que gerou a paz com Deus foi concedida por meio do sangue proveniente do sacrifício do próprio Cristo (*Rm* 1.18; 2.5. 8; 5.1, 9-11). No pensamento religioso romano também existiam ações humanas que atraíam a ira dos deuses, principalmente relacionados à inobservância dos rituais. Por esse motivo os romanos estavam constantemente em busca de manter a *Pax Deorum* que muitas vezes só podia ser alcançada pela observância escrupulosa do procedimento ritual (SILVA, 2019). Na Carta aos Romanos Paulo faz uma crítica intensa à prática religiosa judaica que havia falhado gravemente, sendo o Cristo o único capaz de estabelecer a paz com Deus por meio do sacrifício que o próprio Deus³ oferece a si mesmo. Dessa forma, a própria divindade estabelece a paz entre si e o ser humano, por meio da justificação oferecida pelo Cristo que é ao mesmo tempo divino e humano. Na religião romana aplacar a *ira deorum* era uma função legítima dos pontífices, especialmente do *Pontifex Maximus*, sendo ele o responsável por preservar a relação com os deuses (MUNHOZ; SILVA, 2017). Como construtor de pontes entre os deuses e os seres humanos cabia ao *Pontifex Maximus* esse aplacamento da ira divina no âmbito religioso romano, da mesma forma que como “mediador entre Deus e os homens” (*1 Tm* 2.5)⁴ cabia ao Cristo essa mesma função no âmbito religioso do cristianismo.

O uso dessa noção de aplacamento da ira divina por Paulo na Carta aos Romanos é muito significativo e constitui um elo muito importante entre os cristãos de origem romana e judaica, uma vez que a noção de um mediador humano entre as esferas humana e divina era comum a ambos. Os romanos na figura do *Pontifex Maximus*, especialmente a partir do pontificado máximo de Augusto, significativo para o contexto paulino; e os judeus na figura do sumo sacerdote. Dessa forma seria fácil para ambos compreender o papel fundamental do Cristo como aquele que aplaca a ira divina e conecta divindade e seres humanos⁵.

³ Para fins de distinção, sempre que aparecer neste artigo o termo Deus conforme grafado aqui, com inicial maiúscula, a referência é à divindade de Israel e de Paulo como um nome próprio a ela conferida, conforme a opção das versões consultadas para produzir esse texto. Por vezes a escolha discursiva tornou necessária essa grafia. Sempre que possível o termo Deus foi substituído por divindade.

⁴ Todas as citações de trechos da neotestamentária em língua portuguesa, neste artigo, seguirá a versão da Bíblia de Jerusalém (2019).

⁵ Em minha monografia de graduação tratei a respeito da associação do Cristo à figura do *Pontifex Maximus* na Carta aos Romanos e sobre as semelhanças com as narrativas romanas a respeito do *divus augustus*, sugiro a leitura especialmente do terceiro capítulo para uma noção inicial sobre o



Paulo foi o primeiro escritor cristão, aquele que primeiro escreveu sobre o Cristo, e foi o maior responsável pela construção e perpetuação de imagens da figura central da religião cristã, uma vez que os documentos que produziu serviram de base para formulação de doutrinas – debates e rupturas – no seio do movimento. Essas imagens formaram, na mente dos cristãos, as imagens que se tem até hoje do Cristo. Em seus escritos nos é apresentado um Cristo divino e humano: ele é o general triunfador, é o segundo Adão, é o *Pontifex Maximus*, é o soberano sobre todos, inclusive os mortos, o crucificado e o ressurreto. Embora a base seja a mesma, as imagens que encontramos em cada carta diferem muito entre si (SANTOS, 2022).

As representações que Paulo fazia do Cristo estavam repletas de visualidade. Em muitos dos seus escritos é quase impossível não se pegar imaginando os detalhes dessas representações ao ler ou ouvir as narrativas. Um exemplo disto é a representação do Cristo como um general triunfador na sua Segunda Carta aos Coríntios (2.14-16) que traz imediatamente, aos que conhecem o *modus operandi* do cortejo triunfal romano, a imagem do general (vestido com uma túnica púrpura, com o rosto pintado de vermelho montado em um carro dourado puxado por cavalos ou touros brancos) e seu exército entrando em Roma pela *Porta Triumphalis* levando os despojos e os escravos capturados durante a batalha em direção ao templo de Júpiter no Capitólio, onde eram oferecidos sacrifícios para esta divindade, conforme descrevem Beard, North, Price (1998). A partir da experiência paulina em Atenas e, mais especificamente, seu discurso no Areópago da cidade, empreenderemos uma análise preliminar da mobilização que Paulo fazia de seu capital cultural, a fim de conjugar elementos essenciais para a transmissão eficiente da sua mensagem a respeito do Cristo.

PAULO E O CONTEXTO VISUAL DE SEU TEMPO

O mundo antigo estava repleto de imagens e visualidades. Fossem elas pictóricas, estatuárias, mentais ou literárias, o público de Paulo vivia nesse mundo com suas imagens e seus signos visuais, os reconheciam e interagiam com eles. Por isso Paulo, que, como todo autor, escrevia tendo em vista o universo cognitivo e emocional do seu público-alvo, fazia largo uso da visualidade, embora não trabalhasse com obras figurativas ou imagéticas. Cabe destacar que na Antiguidade não se fazia distinção entre imagens pictóricas, estatuárias, mentais e literárias, inclusive os mesmos termos eram utilizados para se referir a todo esse universo imagético, conforme pode ser visto nas análises de Glare (1968), Vine, Unger, White JR (2012) e Kleinknecht (2013) apresentadas abaixo.



O termo imagem tem sua origem no termo latino *Imago* que pode ser traduzido por imagem e traz o sentido de uma representação na arte de uma pessoa ou coisa; uma representação de uma imaginação (imagem mental); uma representação em palavras, descrição, retrato falado. Uma cópia, uma duplicata, um reflexo que tem a aparência de algo, mas não é; uma imitação; uma demonstração, algo semelhante que serve de ilustração, modelo, paralelo, exemplo. Algo que torna visível, uma manifestação ou personificação (GLARE, 1968).

No grego, língua utilizada por Paulo para escrever e proferir seus discursos, temos o termo εἰκών (*eikon*), traduzido como imagem que significa imagem; representação; manifestação; estátua ou representação semelhante; representação visível de algo invisível; representação de um arquétipo; semelhança a um arquétipo (VINE, UNGER, WHITE JR, 2012). Este termo traz a ideia de uma representação artística ou mental de uma imagem. No entanto, não é uma mera apresentação dessa imagem, mas algo que ilumina a sua essência interior. Seria, portanto, uma cópia que tem os mesmos poderes e sentimentos do original que representa (KLEINKNECHT, 2013). Em ambas as línguas, imagem diz respeito tanto à imagem pictórica ou à escultura, como também à imagem mental e à imagem reproduzida em textos (literária).

Assim, ao produzir os discursos por meio dos quais construiu a(s) imagem(ns) do Cristo e utilizar elementos relacionados à visualidade, Paulo busca criar na mente de seus leitores e ouvintes a representação (poderíamos mesmo dizer “visualização”) do Cristo mais adequada ao contexto específico de cada um e levá-los à aceitação das implicações de cada uma dessas representações.

A fim de cumprirmos a proposta desse artigo, nos deteremos no capítulo 17 de Atos dos Apóstolos que narra o discurso de Paulo no Areópago de Atenas. O livro de Atos, conforme aponta a tradição cristã primitiva, desde a segunda metade do século II EC., tem sua autoria atribuída a Lucas, companheiro de viagem e missão de Paulo, que teria escrito também o Evangelho que leva seu nome (BOOR, 2003; KISTERMAKER, 2016). O livro, segundo Kistemaker, teria sido escrito entre 62 e 64 EC., uma vez que o último relato do livro aborda os dois anos de prisão domiciliar de Paulo em Roma, da qual foi liberto em 62 EC., e não há nenhum relato a respeito do incêndio de Roma e do ato persecutório de Nero, acontecimentos muito importantes para serem ignorados por Lucas. Essa obra lucana, é a continuação dos relatos do Evangelho, enfocando as ações dos seguidores de Jesus de Nazaré em obediência às suas ordens (At. 1.1-5).



O DISCURSO DE PAULO NO AREÓPAGO DE ATENAS

Atenas era uma cidade superpovoada por imagens, especialmente na Acrópole, onde estava localizado o Partenon, um grandioso templo dedicado ao culto à deusa Atena e que possuía, além da estátua da deusa, um riquíssimo jogo de imagens que podia ser admirado na sua parte externa e que provavelmente conservava uma harmonia de sentido com o que se podia contemplar no seu interior (LAGE; EV, 2019). Ao andar pela cidade, Paulo observou diversos objetos de culto entre estátuas, altares e santuários. Inclusive um altar dedicado ao deus desconhecido, que se tornou o ponto de partida da sua argumentação no discurso proferido no Areópago da cidade que se localizava na região noroeste da Acrópole (At. 17. 22-23).

Atenas, como uma cidade grega, estava inserida num contexto, o da sacralidade grega. Neste contexto, conforme afirma Lucas Vitoriano Lopes Cerqueira⁶ (2016, p. 7), existiam santuários onde os deuses eram apresentados esplendorosamente em esculturas. No entanto, as divindades não estariam limitadas a eles, sendo também representados nas obras dos poetas que serviam como perpetuadores de memória dos deuses.

Conforme o relato de Lucas em Atos 17.16-22, Paulo, após, conflitos graves com um grupo de judeus tessalonicenses, tanto na própria Tessalônica quanto em Beréia, chega a Atenas, por volta de 50-52 E.C., e ali também faz o seu anúncio do Cristo. Ali ele iniciou sua pregação do Cristo, como de costume, na sinagoga da cidade, mas também o fez na Ágora ateniense, onde disputava com todas as pessoas que se apresentassem para o debate. Em dado momento, filósofos epicuristas e estoicos, perplexos com sua mensagem, o levaram ao Areópago para que pudesse explicar suas inovadoras, e talvez perturbadoras, ideias.

O discurso proferido por Paulo no Areópago de Atenas é uma expressão clara do seu vasto capital cultural; nele transparece o seu conhecimento do contexto visual e imagético da cidade e de autores importantes para a cidade. Partindo do altar ao deus desconhecido, um dos muitos monumentos religiosos espalhados por Atenas, Paulo constrói um discurso que se inicia indicando que a divindade que eles adoravam sem conhecer seria a mesma que ele conhecia e adorava, a qual não era semelhante a uma escultura criada por homens nem habitava em templos feitos por homens, mas o criador de todas as coisas (At. 17. 22-26). Nisso o Deus que Paulo pregava diferia das divindades humanas, uma vez que os romanos, conforme apontam Luciene Munhoz de Omena e Suyane Bueno Silva (2017), não podiam atuar religiosamente de outra forma se não através de um espaço tempo, podemos dizer, oficializado.

⁶ Optamos por apresentar o nome completo dos autores na primeira citação de artigos, apresentando nas demais citações o sistema autor-data. Os outros tipos de produção aparecem citados no sistema autor-data desde a primeira citação.



Paulo inseriu em seu discurso elementos altamente conhecidos por seus interlocutores ao citar o poeta Arato (At. 17.26,28) e os poetas e filósofos estoicos Cleantes e Epimenides (At. 17.28), este último apontado como o principal responsável pela existência de altares aos deuses desconhecidos em Atenas, conforme diversas interpretações do relato do autor grego do século III d.C. Diógenes Laércio:

Epimenides tornou-se famoso em toda a Hélade, e passou a ser considerado caríssimo aos deuses. Por isso, quando foram atingidos por uma pestilência e a sacerdotisa pítia determinou-lhes que purificassem a cidade, os atenienses mandaram a Creta uma nau comandada por Nícias, filho de Nicêratos, a fim de pedir ajuda a Epimenides. Ele [...] pôs fim à pestilência da maneira seguinte. Obteve algumas ovelhas negras e brancas e levou-as para o Areópago; de lá Epimenides deixou-as irem para onde lhes aprouvesse, instruindo as pessoas que as seguissem no sentido de marcarem o lugar onde cada ovelha deitasse e oferecessem um sacrifício à divindade local. E assim terminou a calamidade. Por causa desse acontecimento é possível encontrar-se até hoje, em diferentes demos atenienses, altares sem nome, erigidos para perpetuar a memória dessa expiação (*Diog. Laert.* 1.110).

Em At. 17.26-28, temos o relato da seguinte fala de Paulo:

De um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, fixando os tempos anteriormente determinados e os limites do seu habitat. Tudo isto para que procurassem a divindade e, mesmo se às apalpadelas, se esforçassem por encontrá-la, embora não esteja longe de cada um de nós. **Pois nele vivemos, nos movemos e existimos**, como alguns dos vossos [poetas], aliás já disseram **somos também sua raça (geração/descendência)** [grifos e acréscimos nossos]⁷.

No trecho acima, Paulo cita um trecho do poema *Cretica*, de Epimenides:

Para aqueles que estenderam suas sepulturas, demônios onipresentes,
Cretenses são mentirosos, bestas malignas, estômagos lentos
mas você não morre, você vive, e você é eterno,
pois em ti vivemos, nos movemos e existimos⁸.

Esta citação é bem significativa, uma vez que não somente faz uma referência ao elemento visual do altar ao deus desconhecido, mas também uma citação do filósofo estoico que tradicionalmente era apontado como o responsável pela existência de tal altar. Dessa forma, Paulo demonstra aos epicuristas e estoicos presentes que não apenas tinha visto o altar ao deus desconhecido, mas também conhecia a história, ou a tradição, por trás de sua construção e, a partir daí, argumenta que esse deus desconhecido pelos atenienses era

⁷ Texto original: ἐποίησέν τε ἐξ ἑνὸς πᾶν ἔθνος ἀνθρώπων κατοικεῖν ἐπὶ παντὸς προσώπου τῆς γῆς, ὀρίσας προστεταγμένους καιροὺς καὶ τὰς ὁροθεσίας τῆς κατοικίας αὐτῶν ζητεῖν τὸν θεόν, εἰ ἄρα γε ψηλαφήσειαν αὐτὸν καὶ εὔροιεν, καὶ γε οὐ μακρὰν ἀπὸ ἑνὸς ἐκάστου ἡμῶν ὑπάρχοντα. ἐν αὐτῷ γὰρ ζῶμεν καὶ κινούμεθα καὶ ἐσμέν, ὡς καὶ τινες τῶν καθ' ἡμᾶς ποιητῶν εἰρήκασιν·

⁸ Trazemos aqui a reconstrução feita a partir de dois comentários siríacos idênticos por A. B. Cook em *Zeus: A Study in Ancient Religion* (1914).



conhecido por ele e era exatamente o Deus que ele estava apresentando na praça. Tal abordagem só foi possível devido ao conhecimento que Paulo possuía da história e da cultura religiosa da cidade e, mais especificamente, do Areópago e do altar ao deus desconhecido.

Porém, Paulo não para por aí, citando também trechos dos poemas *Fenômenos* de Arato e do *Hino a Zeus* de Cleantes:

Por Zeus principiemos, a quem os mortais nunca deixamos
inominado. Providas de Zeus estão todas as vias
e todos os humanos rossios, providos também mar
e portos; em todas as horas, Zeus demandamos todos.
Pois somos também sua progênie. Ele paternal aos homens
dá sinais direitos, para o trabalho alevanta as gentes
lembrando-lhes do pão, conta quando o torrão está nas melhores horas
para bois e arados, conta quando são as estações direitas
tanto para se fincarem mudas quanto para as sementes todas se lançarem
à terra (*Arati Phaenomena.*, 1-9)⁹.

Ó mais glorioso dos imortais, deus de muitos nomes e sempre poderoso,
Zeus, senhor da natureza, que tudo governas com leis,
salve! Pois a todos os mortais é lícito falar-te.
Em ti está a nossa origem; a sorte de ser a imagem de um deus,
só a nós coube, entre tantos seres mortais que vivem e rastejam sobre a
terra (*Cleant. Hymn 1.1-5*)¹⁰.

Em ambos os trechos citados os autores estavam direcionando elogios e louvores a Zeus. Paulo, no entanto, os direciona para a divindade que apresentava e o representante humano escolhido por essa divindade, o Cristo, personagem central das cartas de Paulo, que aqui é apresentado como o homem ressuscitado que julgaria todo o mundo, uma atribuição claramente divina. Até este ponto, o discurso de Paulo estava sendo atentamente ouvido, pois, estava em consonância com o pensamento das escolas filosóficas ali representadas. Como exemplo das aproximações podemos citar, conforme demonstra Rodrigo Nunes do Nascimento (2020), a concepção panteísta dos estoicos que ensinavam ser Zeus uma força imanente e não um deus em forma humana, o que se aproxima da ideia do Deus que não é fruto das mãos humanas e, portanto, não habita em templos feitos por mãos humanas. No entanto, algo soa estranho para eles que, de pronto, declaram: “A esse respeito nós o ouviremos outra vez” (*At. 17.26-33*). O ponto divergente entre o pensamento paulino e os pensamentos epicurista e estoico é a ressurreição dos mortos. Segundo Francisco José da Silva (2013) esses pensadores ou não acreditavam em vida após a morte ou acreditavam na transmigração da alma, ou mesmo, no caso dos estoicos, na integração

⁹ Aqui trazemos a tradução disponível no periódico *Cadernos de Tradução* (2016), disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/216895/000999984.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 01 ago. 2022.

¹⁰ Tradução nossa a partir da versão apresentada no artigo de Ayala (2011): *El Himno a Zeus de Cleantes*, disponível em: <https://research.amanote.com/publication/d5Ue2XMBKQvf0Bhi3JmB/el-himno-a-zeus-de-cleantes>. Acesso em: 30 jul. 2022.



da alma ao universo, sendo a ressurreição dos mortos um escândalo para essas escolas. Nascimento (2020) demonstra que os epicuristas acreditavam não existir na morte prazer ou dor, uma vez que era um estado de sentidos ausentes, onde acabava toda sensação e os átomos eram dissolvidos, sendo, assim, inconcebível a interrupção ou inversão do processo. Aponta ainda que os estoicos viam a morte como algo indiferente no que se refere à moral, apesar de ser negativa dos pontos de vista físico e biológico. Por ser algo inevitável, era necessário acostumar-se com ela e aceitá-la.

Com a rejeição do seu anúncio do ressuscitado, Paulo não consegue todo o êxito esperado da sua exposição, a aceitação do Cristo por parte dos ouvintes atenienses, mas consegue, magistralmente, aplicar seu capital cultural, adaptando mais uma vez o seu discurso a respeito do Cristo ao contexto sociocultural e religioso de seus interlocutores. Muito além disso, esse evento é o primeiro relato do encontro da filosofia grega com o pensamento protocristão, que vai resultar, conforme aponta Silva (2013), na constituição da teologia cristã. Para Silva, assim como a tentativa de Filon de Alexandria, filósofo judeu do século I E.C., de fazer a síntese entre judaísmo e filosofia grega abre caminho para o surgimento da filosofia cristã, em Paulo se constituiu a teologia cristã a partir de tal filosofia.

Assim, o capital cultural paulino serviu não apenas para contextualizar seus discursos diante de suas audiências, como também foi fundamental para a construção da imagem, ou imagens, do Cristo que se tem até hoje e para o florescimento da teologia cristã. Ao falar de imagem do Cristo não me refiro àquelas criadas e exploradas pelas artes visuais que, aliás, apresentam um Cristo eurocêntrico com características totalmente diferentes daquelas que o Jesus de Nazaré realmente teria¹¹. A referência aqui é à imagem mental, literária e até mesmo ideológica que foi, ao longo do tempo, se perpetuando, principalmente no interior dos círculos cristãos, mas, não se limitando a eles. Essas imagens do Cristo, embora não sejam originalmente pictóricas, estão mergulhadas em um mundo de visualidades e inspiraram, ao longo do tempo, a produção de diversas imagens, sejam elas esculpidas, pintadas ou dramatizadas.

Importante destacar que essa relação de visualidade e religião com a qual Paulo teve intenso contato não estava restrita ao contexto greco-romano, mas, englobava também o contexto judaico. A despeito da proibição da confecção de imagens e do seu uso cúltico (*Ex* 20.4-6), a religião judaica estava repleta de visualidades e simbolismos. As vestes sacerdotais com seus peitorais, adereços de cabeça e demais ornamentos, o altar e os seus chifres, a arca da aliança e os querubins do propiciatório, o candelabro de ouro e suas sete

¹¹ Para um conhecimento mais aprofundado a respeito da real aparência de Jesus de Nazaré indico o artigo de Joan Taylor “What did Jesus look like?” publicado na revista *The Ancient Near East Today* (ANE Today) em dezembro de 2019, disponível em: <https://www.asor.org/ANEToday/2019/12/Jesus-Look-Like/> e o livro de mesmo nome publicado em 2018 pela Bloomsbury Publishing.



chamas, o véu ornado com querubins¹². Esses elementos presentes tanto no tabernáculo quanto no Templo de Jerusalém, além de estarem repletos de visualidades, estavam permeados de simbolismos que foram referidos por Paulo em suas cartas.

Todas essas referências visuais e conhecimentos filosóficos, culturais e religiosos compõem o capital cultural de Paulo e são magistralmente utilizados na construção de seus discursos escritos e falados. O autor soube combinar muito bem tais elementos e adaptá-los ao contexto de cada grupo de destinatários a fim de tornar sua mensagem compreensível e de construir imagens do Cristo que fizessem sentido para esses interlocutores. Desse modo, parece-nos que o contexto visual em que Paulo estava inserido exerceu uma significativa influência sobre seu pensamento, se tornando uma das bases fundamentais da sua construção da imagem do Cristo em suas cartas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paulo estava inserido em um contexto em que abundavam imagens e produções culturais como um todo. Além disso, fazia parte do contexto paulino uma enorme diversidade de cultos e objetos dedicados aos deuses. Paulo ao representar o Cristo, figura central do seu pensamento e, logo, do seu discurso, o faz tendo em mente e tendo, muitas vezes, diante dos seus olhos todo esse mundo visual, cultural e religioso que contribui para a construção da imagem do Cristo também em suas cartas.

No discurso proferido por ele no Areópago de Atenas e narrado por Lucas no livro dos Atos dos Apóstolos, Paulo faz um uso preciso do seu conhecimento a respeito da cultura e da religião atenienses em suas referências a Arato, Cleantes, Epimênides e ao altar ao deus desconhecido. Embora tenha seu discurso interrompido no momento em que faz referência à ressurreição do Cristo, Paulo consegue persuadir algumas pessoas, que recebem de bom grado sua mensagem e aderem ao seu grupo, entre eles um membro do Areópago (At. 17.32-34).

A partir da análise da sua experiência nessa cidade central para a vida cultural e religiosa do mundo greco-romano, podemos perceber o quão importante era para Paulo a adaptação de seu discurso ao contexto de seus interlocutores, o que só era possível devido à sua inserção em um contexto muito amplo, ou melhor em múltiplos contextos. Podemos perceber também uma estreita relação entre o mundo de visualidades que o cerca e a produção de seus discursos, não apenas no episódio narrado por Lucas em Atos, como em seus próprios registros nas cartas que escreveu.

¹² Para um detalhamento de cada um desses itens sugiro a leitura do livro de Êxodo nos capítulos 25 - 27.



FONTES

ARATO. Fenômenos. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 38, p. 1-84, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/216895/000999984.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 ago. 2022.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl., 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

Laêrtios, Diôgenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade e Brasília, 2008. 360 p. Tradução do grego, introdução e notas: Mário da Gama Cury.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYALA, José Molina. El Himno a Zeus de Cleantes. **Estudios**: filosofía, historia, letras, Ciudad de México, v. 9, n. 97, p. 171, 2011. Instituto Tecnológico Autónomo de México. <http://dx.doi.org/10.5347/01856383.0097.000181971>. Disponível em: <https://research.amanote.com/publication/d5Ue2XMBKQvf0Bhi3JmB/el-himno-a-zeus-de-cleantes>. Acesso em: 30 jul. 2022.

BEARD, M.; NORTH, J.; PRICE, S. **Religions of Rome Volume 1**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BOOR, W. **Atos dos Apóstolos**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2003. (Comentário Esperança).

COOK, A. B. **Zeus: A Study in Ancient Religion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1914.

CERQUEIRA, L. V. L. Entre os gregos e o Olimpo: como os antigos compreendiam o sagrado. In: SEMANA DE HISTÓRIA DA FECLESC, 13., 2016, Quixadá. **Anais [...]**. Quixadá: Uece, 2016. p. 1-20. Disponível em: http://uece.br/eventos/semanadehistoriadafeclesc/anais/trabalhos_completos/245-37959-10082016-085835.pdf. Acesso em: 01 ago. 2022.

GLARE, P. G. W. (ed.). **Oxford Latin Dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 1968.

GONZAGA, W. **Os conflitos na igreja primitiva entre judaizantes e gentios a partir das cartas de Paulo aos Gálatas e Romanos**. Santo André: Academia Cristã, 2015.

KISTERMAKER, S. **Comentário do Novo Testamento: atos**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2016. 2 v.

KLEINKNECHT, H. *Εἰκὼν*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard (org.). **Dicionário do Novo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. p. 388-390.

LAGE, C. F.; EV, G. S. As transformações da Acrópole de Atenas: a monumentalidade emblemática do Partenon e das suas esculturas. **Nearco**: Revista Eletrônica da Antiguidade, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 49-68, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/nearco/article/view/49484>. Acesso em: 01 ago. 2022.



NASCIMENTO, R. N. Paulo em Atenas: afinidades e estranhamentos entre o apóstolo dos gentios e os filósofos epicureus e estoicos. **Reflexus**: Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões, Vitória, v. 14, n. 2, p. 697-715, 14 dez. 2020. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/1141>. Acesso em: 18 nov. 2022.

SANTOS, Jefferson Roberto Batista dos. **Construindo a imagem do Cristo**: uma análise das cartas de Paulo aos Coríntios, aos Filipenses e aos Romanos. 2022. 73 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em História, Escola de História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.13140/RG.2.2.18789.68324>. Acesso em: 08 ago. 2022.

SILVA, F. J. O discurso de Paulo em Atenas, encontro entre fé cristã e filosofia grega. **Revista Helius**, Sobral, v. 1, n. 1, p. 15-26, jul. 2013. Disponível em: <https://helius.uvanet.br/index.php/helius/article/view/17/26>. Acesso em: 01 ago. 2022

SILVA, S. B. **Os prodigia e a pax deorum**: uma análise da supplicatio expiatória em ab vrbe condita libri de tito lívio (século i a.c.). 2019. 230 f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9828>. Acesso em: 05 nov. 2022.

SILVER, C. Dura-Europos: Crossroad of Cultures. **Archaeology Archives**, 2010. Disponível em: https://archive.archaeology.org/online/features/dura_europos/. Acesso em: 01 ago. 2022

VINE, W.; UNGER, M. F.; WHITE JUNIOR, W. **Dicionário VINE**: O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Rio de Janeiro: Cpad, 2012. 1115 p. (15ª reimpressão). Tradução: Luís Aron De Macedo.